

TURISMO LITERÁRIO E MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA: A ROTA MACHADO DE ASSIS PELAS LENTES DAS MOBILIDADES

João Freitas

Lucas Gamonal Barra de Almeida

RESUMO

O artigo propõe o conceito de dispositivo de mobilidade narrativa como contribuição original para compreender as articulações entre literatura, cidade e tecnologia no turismo literário contemporâneo. A partir da análise da Rota Literária Machado de Assis, itinerário digital que percorre o centro do Rio de Janeiro, examina-se como a mediação técnica reorganiza modos de leitura, formas de presença e regimes de memória urbana. Fundamentado no Paradigma das Mobilidades e na noção de dispositivo, o estudo mobiliza cinco dimensões já consolidadas na literatura (física, comunicacional, imaginativa, virtual e dos objetos) para construir uma moldura interpretativa do caso. Argumenta-se que a Rota converte a obra em prática espacial guiada por plataformas, instaurando uma curadoria da atenção que tende a atenuar a ambiguidade crítica de Machado. Ao examinar essa montagem técnico-simbólica, o artigo demonstra que a circulação da literatura em contexto turístico opera como patrimonialização mediada, reconfigurando as relações entre texto, corpo e cidade.

PALAVRAS-CHAVE: turismo literário; mobilidades; Machado de Assis.

ABSTRACT

This article introduces the concept of the narrative mobility device as an original contribution to understanding the intersections between literature, the city, and technology in contemporary literary tourism. Based on an analysis of the Machado de Assis Literary Route, a digital itinerary through downtown Rio de Janeiro, it examines how technical mediation reorganizes modes of reading, forms of presence, and regimes of urban memory. Grounded in the Mobilities Paradigm and the notion of the dispositif, the study mobilizes five dimensions already established in the literature (physical, communicational, imaginative, virtual, and material) to build an interpretive framework for the case. It argues that the Route converts the literary work into a spatial practice guided by digital platforms, establishing a curation of attention that tends to soften Machado's critical ambiguity. By examining this technical and symbolic assemblage, the article demonstrates that the circulation of literature in a touristic context operates as a mediated form of heritage-making, reconfiguring the relations between text, body, and city.

KEYWORDS: literary tourism; mobilities; Machado de Assis.

INTRODUÇÃO

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Transformar literatura em percurso urbano é mais do que uma estratégia de mediação cultural. Trata-se de um gesto que incide sobre os regimes de leitura, sobre os modos de presença e sobre as formas de visibilidade da cidade. A Rota Machado de Assis, concebida como itinerário autoguiado em aplicativo, realiza essa transposição da página para o espaço, da leitura solitária para a escuta em movimento e do texto para o trajeto. O visitante é conduzido por trechos de crônicas e romances em pontos do centro do Rio de Janeiro, compondo uma experiência que combina deslocamento, curadoria e recepção assistida por tecnologia. Desenvolvido pela startup *Que Mais Tem Lá?*, com apoio da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), o projeto oferece uma cartografia literária que se apresenta como experiência patrimonial, pedagógica e turística.

Não se trata, porém, apenas de uma iniciativa de valorização da literatura nacional. Ao converter a obra de Machado em voz que narra a cidade, a rota organiza uma cena complexa de circulação: de textos, de visitantes, de narrativas e de sentidos urbanos. Essa conversão da literatura em roteiro digitalizado não pode ser compreendida fora de seus enquadramentos técnicos e simbólicos, nem dos dispositivos que a estruturam. A literatura é performada no espaço sob a intermediação de plataformas, mapas, sons e rotas predefinidas, muitas delas viabilizadas por tecnologias de geolocalização e síntese vocal geradas por inteligência artificial. É nesse contexto que propomos compreender a Rota Machado de Assis como um dispositivo de mobilidade narrativa, isto é, uma estrutura técnico-discursiva que orienta a circulação, organiza a escuta e regula leituras da cidade. A formulação deste conceito, apresentada aqui em caráter exploratório, busca oferecer uma contribuição original ao campo, capaz de dar conta das camadas sobrepostas de mediação, deslocamento e montagem simbólica que definem experiências desse tipo.

A análise parte também de uma leitura da Rota como regime de memória social mediada. Em vez de mero elogio do passado literário, o percurso institui uma economia da lembrança que seleciona um período, sobretudo o Rio burguês do século XIX, e o converte em paisagem patrimonial, neutralizando outras camadas temporais que persistem no centro da cidade (Nora, 1984; Ricoeur, 1983). A patrimonialização não

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

apenas preserva, mas produz o que é possível lembrar ao estabilizar uma narrativa histórica compatível com os regimes de visibilidade do turismo e com as lógicas das plataformas digitais (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018).

Os estudos sobre turismo literário ajudam a qualificar esse quadro. Pesquisas apontam que a visita a lugares associados à literatura é movida por desejo de presença e validação simbólica, ainda que sujeita a usos mercadológicos do passado (Watson, 2006; Hoppen; Brown; Fyall, 2014; Reijnders, 2016). No caso da Rota Machado de Assis, a leitura é reconfigurada pela lógica do design de experiência. A escuta é conduzida por trechos curtos, em pontos precisos, o que delimita o ritmo e o campo de atenção do usuário. As escolhas editoriais, que envolvem textos, itinerário e linguagem, moldam tanto a narrativa da cidade quanto a figura de Machado que se deseja apresentar.

A obra machadiana, antes de ser convertida em conteúdo turístico, constitui uma forma singular de conhecimento sobre o urbano carioca. Seus romances e crônicas revelam ambiguidades de classe, prestígio e ressentimento que atravessam o cotidiano (Bosi, 2002). A cidade que emerge dessa literatura não é cenário, mas operador narrativo. Da Rua do Ouvidor aos subúrbios recém-integrados à malha da capital, o Rio de Janeiro é escrito e reescrito como alegoria das tensões sociais do século XIX.

A transposição da palavra escrita para o movimento no espaço físico, mediado por dispositivo digital, convoca a reflexão de Certeau (1994). Para o autor, o andar é ao espaço aquilo que a palavra é ao idioma, um ato de enunciação. A Rota inscreve uma fala sobre a cidade: editada, guiada e condicionada. A caminhada se torna leitura intermediada, cujo campo de visibilidade e interpretação é parcialmente delimitado pela interface. A mobilidade, nesse contexto, assume também a forma de um regime de legibilidade.

Sob a lente do Paradigma das Mobilidades, tal prática cultural convoca atenção aos fluxos de pessoas, informações, tecnologias, objetos e imagens e aos sistemas que os tornam possíveis e desiguais (Urry, 2007; Sheller; Urry, 2006; Sheller, 2018). A mobilidade deixa de ser apenas deslocamento e passa a ser uma forma de produzir mundo, organizar relações, hierarquias de acesso, regimes de visibilidade e práticas de significação.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Caminhar pela Rota Machado de Assis implica, de modo integrado, cinco dimensões de mobilidade (cf. Urry, 2007) articuladas por um mesmo dispositivo: (1) física, no deslocamento pelo território urbano; (2) comunicacional, na escuta orientada; (3) imaginativa, na evocação ficcional da cidade; (4) virtual, na mediação por interface digital que guia e condiciona o trajeto; (5) material, relativa aos objetos em circulação, com destaque para o telefone celular que acompanha o visitante, orienta a navegação e condiciona ritmos e atenção, ao mesmo tempo em que está sujeito a percalços e riscos no espaço público. Essa multiplicidade desloca a literatura da interioridade silenciosa da leitura para a performatividade pública do espaço e transforma o visitante em operador parcial de uma narrativa previamente montada.

Há uma cidade real que resiste ao roteiro, com interdições, ruídos e tensões sociais, e uma cidade narrada, na qual certos sentidos são reiterados e outros suprimidos. Como destacam Oliveira, Paranhos e Soares (2014) e Nunez (2016), os processos de patrimonialização envolvem escolhas que refletem valores culturais e relações de poder, resultando em inclusões e exclusões. A figura de Machado mobilizada pela rota é, em alguma medida, regulada: sua dimensão crítica, racializada e ambígua é suavizada em nome de uma inteligibilidade mais ampla. Esse processo de filtragem pode ser lido à luz do que Souza (2018) descreve como estabilização simbólica, em que obras e figuras patrimoniais são adaptadas aos moldes de narrativas culturais normativas, comum ao fenômeno do turismo.

Este artigo busca compreender de que modo a Rota Machado de Assis reinscreve a obra do autor na paisagem urbana do Rio de Janeiro, articulando mobilidades físicas, materiais, comunicacionais, imaginativas e virtuais, e quais são as implicações desse processo para a patrimonialização da literatura e para a fruição turística mediada por dispositivos digitais. A análise baseia-se na experiência empírica do percurso e em revisão crítica da literatura sobre mobilidade, turismo literário e patrimonialização. Defende-se que a proposta não deve ser lida apenas como inovação turística ou difusão literária, mas como expressão de um regime de mobilidade narrativa que reconfigura as fronteiras entre texto, cidade e memória.

MOBILIDADES E CIRCULAÇÃO DE NARRATIVAS: CONSTRUINDO UMA MOLDURA ANALÍTICA

Partimos de uma chave conceitual: as mobilidades como princípio de inteligibilidade do mundo. Em vez de tratar o espaço como cenário estático, observamos como corpos, objetos e signos se entrelaçam em redes técnicas e simbólicas que produzem sentido. Com esse enquadramento, mobilizamos o Paradigma das Mobilidades, indicando por que o turismo, na interseção entre materialidade e imaginação, constitui campo privilegiado para observar a circulação de narrativas. Nesta seção, o objetivo é duplo: delinear a arquitetura conceitual que sustenta o argumento e justificar por que essas cinco dimensões oferecem uma moldura analítica adequada ao caso.

Pensar a circulação da literatura no espaço urbano implica ultrapassar a descrição de roteiros e evitar tipologias descoladas das mediações que as tornam possíveis. O Paradigma das Mobilidades, formulado por John Urry, Mimi Sheller e seus interlocutores, interpela as tradições sedentárias das ciências sociais ao reinstalar a materialidade, a técnica e a mediação no centro da análise (cf. Urry, 2007; Sheller; Urry, 2006). Em vez de um mundo composto por entidades autônomas, tem-se um campo de circulações que conforma, diferencia e hierarquiza experiências.

Nessa perspectiva, mobilidade não se confunde com trânsito irrestrito. Trata-se de uma ecologia de práticas, dispositivos e regulações que habilitam ou constroem o mover-se, distribuindo oportunidades de acesso no espaço e no tempo. Sheller (2018) demonstra que toda mobilidade envolve dinâmicas de controle, filtragem e visibilidade, definindo quem pode mover-se, quando e sob quais condições. Urry (2007) propõe um sistema de dimensões interconectadas que orienta esta análise: física, comunicacional, imaginativa, virtual e dos objetos. Longe de um elenco classificatório, essas dimensões operam como moldura teórica capaz de tornar visíveis as articulações entre técnica, narrativa e experiência. No turismo, campo privilegiado para observar mobilidades contemporâneas, elas atuam simultaneamente: corpos se deslocam, dados e sons circulam, imagens e expectativas se ativam, interfaces modulam a atenção e objetos

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

acompanham, ritmam e condicionam a fruição.

Aplicada à interface entre turismo e literatura, essa moldura desloca o diagnóstico do óbvio. Fraga, Elicher e Moraes (2020) discutem como deslocamentos motivados por textos literários excedem a visita a lugares referenciados e configuram mobilizações simbólicas e performativas. A cidade deixa de operar como mero cenário e passa a inscrever-se no texto, ao passo que o texto ganha espessura espacial na cidade. A busca de presença orienta a visita a espaços associados a obras e autores (Watson, 2006) e os leitores-turistas reatualizam cenas de leitura ao inserir o próprio corpo em paisagens saturadas de significados (Reijnders, 2016). Em tais movimentos, deslocar-se é também ativar memória estética e afetiva.

Essas dinâmicas, contudo, não são espontâneas. Organizam-se em arranjos técnico-editoriais e estratégias de consumo cultural. Hoppen, Brown e Fyall (2014) assinalam o risco de rebaixar a literatura a instrumento de marketing territorial, quando o deslocamento é reduzido a roteiro pré-fabricado que neutraliza ambiguidades do texto e da cidade. Contra tal redução, Fraga, Elicher e Moraes (2020) insistem na multiplicidade de temporalidades, olhares e ritmos que compõem o encontro entre leitura e deslocamento. A circulação narrativa contemporânea, frequentemente transmídia, torna-se condição da experiência: livros, filmes, séries, jogos e aplicativos reencenam tramas em suportes diversos e convocam modos híbridos de fruição.

A noção de *moorings* proposta por Hannam, Sheller e Urry (2006) é decisiva para evitar a idealização do fluxo. Todo movimento supõe fixações: pontos georreferenciados, tempos de escuta, escolhas editoriais, protocolos de interação e normas de uso do espaço. Tais ancoragens coreografam a liberdade e orientam não apenas o percurso espacial, mas o interpretativo. Desse modo, a mobilidade literária é sempre coprodução de meios técnicos, arranjos institucionais e práticas de leitura.

A transposição da literatura para o espaço urbano mediado reconfigura a epistemologia da leitura. O que antes se realizava na interioridade reflexiva transforma-se em performance situada. Ambiguidades textuais condensam-se em enunciados localizados. O silêncio do leitor cede lugar a uma escuta assistida por dispositivos móveis. Essa mutação não decorre de preferências estéticas isoladas, mas de

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

dispositivos que articulam, de modo sincrônico, as cinco dimensões: deslocamentos corporais no tecido urbano; regimes de transmissão e escuta que modulam a atenção; movimentos imaginativos acionados por referências literárias; operações virtuais de interface, algoritmo e geolocalização; materialidade de objetos que acompanham a experiência. Entre esses objetos, o celular cumpre papel estruturante ao orientar, capturar atenção e impor ritmos, enquanto se mantém vulnerável e suscetível a percalços no espaço público (cf. de Souza e Silva; Frith, 2013).

Com base nesse quadro, a Rota Machado de Assis pode ser compreendida como dispositivo de mobilidade narrativa que articula turismo, tecnologia e curadoria textual. É sob essa moldura que as análises subsequentes avançam, mostrando como a obra de Machado constrói e é construída pela cidade do Rio de Janeiro em um regime de mediações técnicas e de memória social mediada.

MACHADO DE ASSIS E O RIO EM TRÂNSITO: LITERATURA, CIDADE E MEMÓRIA

A obra de Machado de Assis ocupa um lugar central no cânone literário brasileiro e, cada vez mais, entre os nomes de maior relevância da literatura lusófona com reconhecimento internacional. Estudiosos como Roberto Schwarz (1990) o reconhecem como o autor que “inventou a modernidade literária no Brasil”, desestabilizando convenções do século XIX com uma escrita marcada pela ironia, pela ambiguidade estrutural e por uma notável densidade filosófica. Seu domínio narrativo atravessa gêneros — romance, conto, crônica, ensaio — e projeta uma crítica sofisticada às relações sociais de sua época, sempre atenta às camadas mais discretas da dominação e do desejo.

No cenário internacional, nomes como Harold Bloom (1994) já o alçaram ao rol dos “grandes escritores ocidentais”, comparando sua prosa à de autores como Flaubert, Henry James e Kafka. O reconhecimento tardio, sobretudo nos circuitos anglófonos, expõe não apenas a excelência formal da literatura machadiana, mas os obstáculos estruturais enfrentados por autores negros e periféricos na construção do cânone global.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Como observam estudiosos da crítica literária, a universalização de Machado não pode ser separada dos apagamentos que marcaram sua recepção: no Brasil, especialmente após sua morte, sua imagem foi reelaborada por intelectuais e instituições como símbolo de um humanismo nacional branco, neutro e apolítico (Duarte, 2007).

Essa operação de higienização simbólica contrasta fortemente com a biografia de Machado: filho de uma lavadeira e de um pintor mulato, epilético, autodidata, oriundo do Morro do Livramento, ele representa uma figura rara — e desconfortável — no imaginário da elite letrada brasileira. Sua escrita não apenas carrega os traços dessa origem, como elabora, de forma sofisticada, uma crítica às formas veladas de exclusão, à mobilidade social ilusória, à estetização das desigualdades. Reinscrever Machado em seu contexto racial, urbano e crítico, como tem feito a crítica literária contemporânea, é fundamental para compreender a potência disruptiva de sua obra e também os sentidos que estão em jogo quando ela é mobilizada em práticas culturais e turísticas.

Nesse ponto, interessa destacar que a literatura de Machado é profundamente urbana, tanto no conteúdo quanto na forma. O Rio de Janeiro não é cenário, mas operador da narrativa: seus espaços modulam comportamentos, seus sons e silêncios interferem nos afetos e nas máscaras sociais. Como aponta Alfredo Bosi (2002), a escrita machadiana desenha uma “cartografia moral” da vida burguesa carioca, revelando com sutileza os jogos de prestígio, as estratégias de autopreservação e os recalques que estruturam a convivência nas cidades desiguais do Império. Bondes, sobrados, salões, subúrbios e os sons urbanos compõem uma geografia narrativa em que o espaço é simultaneamente material e simbólico e em que a cidade é metáfora do Brasil em formação.

Em romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), o Rio de Janeiro é apresentado como corpo em transformação, palco de uma modernização parcial, elitista e excludente. O centro da cidade, com sua burguesia emergente e reformas higienistas, aparece como um espaço de encenação: ali se performa uma ideia de civilidade que não alcança os subúrbios, ainda incipientes e ambíguos, vistos como fronteiras entre o urbano e o marginal. *Dom Casmurro* é emblemático nesse sentido: o deslocamento do narrador entre a casa da

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Glória e a fictícia Rua de Mata-Cavalos não é apenas físico, mas político e afetivo: uma coreografia da suspeita e do ressentimento social.

André Carneiro Ramos (2016) interpreta esse romance como uma “história dos subúrbios”, sugerindo que os bairros periféricos não são apenas pano de fundo, mas condição narrativa. É a partir do distanciamento espacial e simbólico que Bento Santiago constrói sua narrativa desconfiada, enviesada e melancólica. Essa leitura reforça a ideia de que a espacialidade, em Machado, não apenas enquadra o enredo, mas o tensiona, e que os limites da mobilidade urbana são também os limites da experiência social narrável.

Para além dos romances, as crônicas de Machado oferecem um arquivo agudo da cidade do século XIX. Publicadas em periódicos como a Gazeta de Notícias e a Revista Brasileira, elas abordam os gestos, os tipos e os rituais do cotidiano urbano com a precisão de um *flâneur*, que observa, ironiza e desmonta os códigos da vida pública. Ali, a cidade não é apenas o lugar onde algo acontece, mas a própria condição da escrita: ela estrutura a forma e o ritmo da linguagem, oferece os signos e produz as dissonâncias. Essa “cidade moral” de Machado é feita de deslocamentos, hierarquias móveis, identidades em suspensão; uma paisagem onde o prestígio é instável e a verdade, rarefeita (Bosi, 2002).

Compreender essa dimensão urbana da obra machadiana é crucial para qualquer tentativa de transposição de sua literatura ao espaço físico, especialmente quando mediada por tecnologia. A cidade que emerge de seus textos é marcada pela ambivalência, pela dissimulação e pelo ruído, muito distante de qualquer leitura celebratória, higienizada ou panorâmica. Quando sua obra é transformada em trajeto turístico digitalizado, como na Rota Machado de Assis, é necessário perguntar que cidade se reconfigura nesse processo. Que aspectos são ativados? Quais são editados ou silenciados? Que tipo de Rio de Janeiro é performado? E para quem?

Essas são as questões que orientam a análise desenvolvida ao longo do artigo. Antes, porém, é necessário apresentar os materiais examinados e os procedimentos interpretativos adotados. O corpus analisado compreende os nove pontos de parada que compõem o itinerário da Rota Machado de Assis. Cada parada é acompanhada de um

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

áudio narrado, com duração média de 3 minutos, que apresenta trechos da obra de Machado de Assis e informações sobre a relação do local com a vida e a produção literária do autor. As narrações são realizadas por vozes sintetizadas por inteligência artificial, representando personagens das obras de Machado, e estão disponíveis em português e inglês.

Além dos áudios, foram considerados na análise os seguintes elementos: mapas interativos que orientam o percurso pelo centro do Rio de Janeiro; elementos visuais e textuais presentes na plataforma, incluindo ícones, descrições e instruções; material institucional associado ao projeto, como o site oficial da startup Que Mais Tem Lá?, vídeos promocionais e reportagens na imprensa especializada.

A análise concentrou-se em quatro aspectos principais: a) curadoria textual: como destacam Oliveira, Paranhos e Soares (2014), as escolhas curatoriais no campo do patrimônio cultural frequentemente refletem disputas sobre o que deve ser lembrado, representado ou silenciado. Isso torna ainda mais relevante analisar criticamente: a) os critérios de seleção textual da Rota; b) a configuração técnica da experiência: avaliando o tempo, a linguagem, o ritmo e o design do aplicativo; c) a narrativa espacial: investigando como a cidade do Rio de Janeiro é representada e performada ao longo do percurso; d) os silenciamentos e ênfases: identificando escolhas editoriais que destacam ou omitem aspectos da vida e da obra de Machado de Assis.

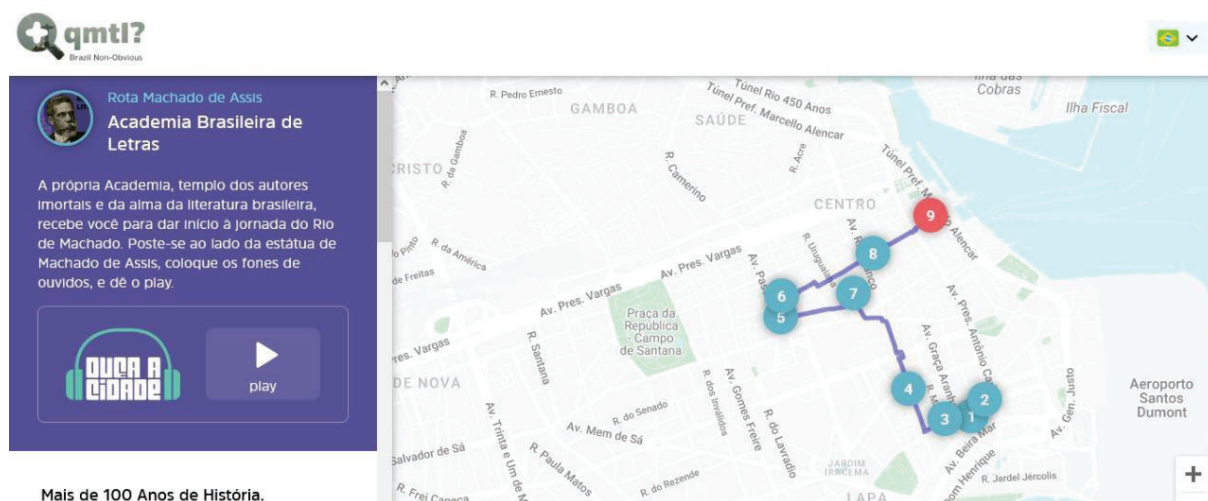
ARQUITETURA DO DISPOSITIVO: ANÁLISE DA ROTA MACHADO DE ASSIS

A rota é composta por nove pontos de parada (Figura 1): 1) Academia Brasileira de Letras, 2) Praça Poeta Manoel Bandeira, 3) Tribunal de Contas do Município, 4) Rua Evaristo da Veiga, 5) Teatro João Caetano/Praça Tiradentes, 6) Real Gabinete Português de Leitura, 7) Confeitaria Colombo, 8) Rua do Ouvidor e 9) Capitu Bar. Cada local oferece um conteúdo narrado que articula dados biográficos, referências ficcionais e curiosidades históricas. A proposta é que o visitante caminhe pela cidade ouvindo trechos relacionados

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

a cada ponto, criando uma experiência sonora imersiva e interpretativa, na qual os espaços físicos se tornam também personagens da narrativa. A curadoria do percurso, ao mobilizar espaços centrais da memória carioca e da ficção machadiana, revela um esforço notável de espacialização literária, com ênfase tanto na trajetória do autor quanto nas atmosferas de sua obra.

Figura 1: Pontos de interesse da Rota Machado de Assis.



Fonte: <https://qmtl.com.br/machado-de-assis>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Contudo, é necessário separar analiticamente dois níveis distintos da proposta: por um lado, o roteiro em si, com sua seleção de pontos e associação literária-espacial, apresenta valor interpretativo e potencial pedagógico; por outro, a execução técnica dos conteúdos narrativos, marcada pelo uso de vozes sintetizadas por inteligência artificial e por efeitos sonoros simplificados, levanta importantes questões quanto à qualidade estética e à eficácia comunicativa da mediação. Essa dissociação será debatida com base na escuta crítica dos áudios e na análise dos dispositivos de mediação que estruturam a experiência.

Para compreender de forma mais crítica os efeitos dessa prática, propomos analisá-la como um dispositivo de mobilidade narrativa: uma categoria que permite apreender não apenas os deslocamentos físicos e simbólicos que ela promove, mas também os mecanismos de seleção, orientação e controle que ela mobiliza.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

A noção de dispositivo, tal como formulada por Foucault (2000), refere-se a um arranjo heterogêneo de discursos, normas, instituições, práticas, técnicas e saberes, articulados para responder a uma necessidade histórica e produzir efeitos de verdade. Agamben (2009), ao expandir esse conceito, define os dispositivos como tudo aquilo que é capaz de capturar, orientar e modelar o comportamento dos indivíduos, inscrevendo-os em lógicas de governo e consumo. Ambos sugerem que um dispositivo não é apenas um meio de mediação, mas um operador político que atua sobre a experiência e a inteligibilidade do mundo.

Ao emoldurar a Rota Machado de Assis como um dispositivo de mobilidade narrativa, destacamos sua capacidade de produzir uma experiência urbana orientada por mediações técnico-discursivas cuidadosamente montadas. A proposta não se limita a um convite para leitura em espaço público, mas constitui uma operação de curadoria espacial e textual mediada por plataformas. O aplicativo determina o itinerário, os trechos literários selecionados, o idioma da escuta, a voz da narração e o tempo de fruição, conformando uma narrativa urbana pré-editada.

A formulação do conceito de dispositivo de mobilidade narrativa, ainda que em caráter exploratório, oferece uma chave analítica original para pensar como tecnologias urbanas, práticas turísticas e mediações culturais reconfiguram os modos de circulação da literatura e da memória. Ao enfatizar o entrelaçamento entre texto, corpo e território, esse conceito permite compreender experiências como a Rota Machado de Assis não apenas como produtos turísticos ou pedagógicos, mas como montagens que organizam formas de presença, modos de escuta e regimes de patrimonialização sob a lógica das plataformas.

Para compreender o funcionamento desse dispositivo, é necessário delimitar o que se entende aqui por mobilidade narrativa. O termo "narrativa", quando utilizado de forma genérica, corre o risco de esvaziamento. Aqui compreendemos a narrativa não apenas como estrutura ficcional ou textual, mas como uma prática de ordenação simbólica e temporal da experiência. No sentido proposto por Paul Ricoeur (1983), toda narrativa organiza o tempo e o espaço de forma a produzir sentido. Mas não se trata apenas da narrativa literária de Machado — embora ela seja central —, e sim de um

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

conjunto de narrativas que se entrecruzam: a narrativa institucional da rota, a narrativa espacial da cidade que ela apresenta, a narrativa técnica que a plataforma operacionaliza. Em outras palavras, o que se move — e move o visitante — não é apenas o texto, mas um regime narrativo múltiplo, editorado, performado e roteirizado.

Reijnders (2016), ao investigar as motivações e experiências de leitores-turistas em lugares associados à ficção, mostra que não se trata apenas de consumo simbólico ou desejo de verificação do real. O que está em jogo é uma busca por presença, por imersão no universo narrativo, por uma forma de encontro sensível com aquilo que antes existia apenas no plano da leitura. A literatura, nesses contextos, se converte em vetor de mobilidade: ela mobiliza afetos, orienta trajetos e reconfigura percepções do espaço urbano. A visita guiada por narrativas ficcionais ativa uma relação performativa com o território, na qual o visitante experimenta a cidade como extensão do texto, e vice-versa.

Complementando esse panorama, Fraga, Elicher e Moraes (2020) introduzem o conceito de “mobilidades literárias” para dar conta das múltiplas formas pelas quais textos, leitores e dispositivos se movimentam e se reconfiguram mutuamente. A partir da análise de experiências de leitura em trânsito — como roteiros literários, *bookcrossing* ou intervenções urbanas com base em obras ficcionais —, as autoras mostram que a literatura participa de ecossistemas móveis, nos quais a leitura deixa de ser um ato solitário e fixo para tornar-se experiência compartilhada, localizada e mediada.

No caso da Rota Machado de Assis, o que se observa é a montagem de uma experiência que combina curadoria estética, roteirização urbana e estratégias institucionais de mediação cultural. Cada trecho de texto narrado, cada ponto do trajeto e cada escolha de linguagem implicam uma interpretação do autor e da cidade. A plataforma atua como curadora silenciosa, definindo o que será ouvido, onde, por quanto tempo e com que ênfase. A liberdade de caminhar, nesse caso, é atravessada por pontos fixos de escuta, por rotas sugeridas e por decisões editoriais. Trata-se de uma mobilidade guiada, não apenas no nível técnico, mas também no plano das formas de leitura, dos regimes de visibilidade e das condições de fruição. É nesse contexto que se torna relevante destrinchar as camadas pelas quais essa experiência se distribui, acionando as diferentes dimensões das mobilidades.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

A mobilidade, longe de ser apenas deslocamento espacial, constitui uma prática social densa, marcada por valores, normatividades e dispositivos de controle. Como enfatiza Cresswell (2010), toda mobilidade carrega consigo uma tríade de elementos: o movimento em si, sua representação e sua experiência. O que significa que mover-se implica sempre questões de significado, de poder e de acesso.

O primeiro nível dessa experiência é a mobilidade física, corporificada pelo trajeto do visitante entre os pontos georreferenciados do centro do Rio de Janeiro. À primeira vista, trata-se de uma caminhada orientada. Mas caminhar, nesse contexto, é performar uma narrativa urbana: uma leitura encenada da cidade que depende de certas competências espaciais e cognitivas. Merriman (2012) lembra que o corpo em movimento é sempre um corpo situado: ele negocia calçadas, ruídos, interdições, cansaços e ritmos urbanos que não estão sob controle do roteiro. A Rota coreografa esse corpo, direciona seus passos e organiza suas pausas, mas o faz dentro de um regime de mobilidade condicionado socialmente. A literatura sobre motilidade (Kaufmann; Bergman e Joye, 2004) mostra que a capacidade de se mover com sentido e autonomia é desigualmente distribuída. Quem acessa essa experiência? Quem tem tempo, familiaridade cultural e disposição física para percorrer esses lugares e ouvir essas vozes?

A mobilidade comunicacional complementa essa coreografia ao incorporar fluxos de informação mediados por interfaces. Os turistas não caminham sozinhos: são guiados por um aplicativo que entrega conteúdo em português e inglês, com textos pré-selecionados e vozes sintetizadas. Esse regime comunicacional delimita a interpretação: indica o que escutar, quando parar, o que lembrar. Kellerman (2012) demonstra que essa camada informacional não é neutra, ela reorganiza o espaço a partir de uma lógica funcional e espetacular, em que a cidade vira palco e a escuta vira consumo. No caso da Rota, essa mediação reduz a polissemia da literatura de Machado a um conteúdo facilmente apreensível, pensado para o público turístico. Trata-se de uma curadoria da inteligibilidade, na qual a tecnologia filtra e simplifica a experiência do texto para torná-la compatível com o ritmo da circulação urbana e com as expectativas de fruição rápida.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

A mobilidade imaginativa atua de maneira mais sutil, mas não menos controlada. Todo movimento físico é acompanhado por um imaginário — um conjunto de representações socialmente produzidas que orientam desejos, memórias e expectativas de quem se desloca (Salazar, 2020). A cidade de Machado de Assis que se oferece ao visitante não é a da ambiguidade moral, da crítica social ou da racialização silenciada, mas uma cidade estetizada, depurando conflitos para afirmar-se patrimônio turístico. O que se pede ao visitante é que imagine um Rio de Janeiro do passado idealizado, povoado por cenas literárias selecionadas. A experiência, portanto, não apenas desperta a imaginação: ela a modela, a partir de uma narrativa que serve à construção de um destino cultural desejável — um centro histórico ressignificado pela literatura. É nesse ponto que a mobilidade imaginativa se mostra politicamente relevante: ela estrutura formas de desejo e pertencimento, mas também produz exclusão simbólica ao eleger quais memórias devem ser encenadas.

A mobilidade dos objetos sustenta e, ao mesmo tempo, tensiona a experiência. O telefone celular, dispositivo central dessa montagem, condensa em si a mediação técnica e o risco material. Ele abriga a voz, o mapa e o dado, tornando-se a superfície onde texto, corpo e cidade se entrecruzam (De Souza e Silva; Frith, 2013). No entanto, no centro do Rio de Janeiro, essa mesma superfície está exposta à possibilidade sempre presente do furto, uma contingência que revela as assimetrias urbanas que a Rota prefere não narrar. Há aí uma curiosa ironia: a ferramenta que viabiliza o contato com a literatura de Machado de Assis é também o lembrete mais imediato das desigualdades que atravessam sua obra. A fragilidade do objeto em circulação devolve ao visitante, de forma não mediada, a materialidade do risco e da exclusão que o projeto tende a converter em atmosfera patrimonial. A mobilidade dos objetos, portanto, não apenas viabiliza a experiência, mas desvela, involuntariamente, as fronteiras sociais que ela tenta pacificar sob a forma de roteiro literário.

Por fim, a mobilidade virtual articula todas as demais camadas, operando como metadispositivo da experiência. O visitante não apenas caminha: ele navega por uma plataforma digital que organiza o espaço, a escuta e os tempos de fruição. A cidade é transformada em interface, com zonas de atenção, sequências de áudio e pontos de

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

interesse programados. Como mostram Büscher e Urry (2009), essas tecnologias não são auxiliares, mas infraestruturas mobilizadoras que determinam modos de presença e de engajamento sensorial. A mobilidade, nesse plano, não é vivida apenas com os pés, mas com os olhos e ouvidos conectados, regulados por GPS. A possibilidade de acessar o conteúdo de forma remota amplia o alcance da experiência, mas também a inscreve numa lógica de reproduzibilidade, em que o percurso é desindividualizado e capturado como dado — tempo de escuta, localização, preferências de idioma.

Essas cinco dimensões não operam isoladamente: constituem juntas este dispositivo de mobilidade narrativa. Dispositivo esse que organiza sentidos e práticas, produz formas de visibilidade e transforma tanto a obra de Machado de Assis quanto o espaço urbano em recursos mobilizáveis por uma economia da cultura e do turismo. Em sua forma mais sofisticada, ele não impõe, convida. Não prescreve, orienta suavemente. No entanto, é exatamente por isso que merece atenção crítica: porque atua nos interstícios do desejo e da técnica, convertendo literatura em experiência roteirizada e mobilidade em estética controlada.

Essa estrutura técnica não anula a potência da experiência, mas a torna inteligível como parte de uma economia de circulação narrativa orientada. A cidade narrada pela Rota não é qualquer cidade, e o Machado ali invocado não é qualquer Machado. Ambos são produtos de uma mediação que atua simultaneamente sobre o texto, o espaço e o visitante. Ao configurar a obra como trilha sonora da caminhada e o espaço urbano como palco para sua ativação, a Rota opera como dispositivo que produz um regime de leitura urbana dirigido, no qual a ambiguidade literária é, em certa medida, domesticada pela arquitetura da fruição.

Ainda cabe destacar que alguns dos pontos de parada da Rota já se configuram como atrativos consolidados no Rio de Janeiro, inclusive com forte apelo imagético. É o caso do Real Gabinete Português de Leitura e da Confeitaria Colombo. Ambos são amplamente difundidos por turistas nas redes sociais digitais como o Instagram. Assim, já existe uma camada de interesse quanto aos espaços, que então ganham a chancela simbólica de um ícone da literatura brasileira. Para além das razões associadas à biografia

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

de Machado, é possível que os lugares tenham sido selecionados para compor a Rota a fim de gerar maior interesse para o público geral.

O propósito de adotar essa chave analítica não é emitir um juízo de valor sobre a Rota, mas compreender o que ela revela sobre os modos contemporâneos de mediação literária. Ao transformar a obra em trilha georreferenciada, e o leitor em caminhante guiado, a experiência mobiliza formas específicas de curadoria, estética e roteirização que merecem ser interrogadas. Em tempos em que a circulação simbólica se entrelaça a dispositivos técnicos e expectativas de consumo, pensar o turismo literário exige reconhecer que nenhuma forma de deslocamento — seja do corpo, da palavra ou da memória — se dá fora de regimes de mediação. Toda mobilidade, inclusive a da narrativa, é também uma prática política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Rota Machado de Assis como dispositivo de mobilidade narrativa buscou compreender como literatura, cidade e tecnologia se entrelaçam na constituição de experiências turísticas que operam por mediações sofisticadas — técnicas, simbólicas e sensíveis. O que se apresenta ao público como uma proposta de turismo cultural inovadora revela, em seu funcionamento interno, uma montagem orientada que organiza formas de escuta, modos de leitura e regimes de circulação patrimonial sob a lógica das plataformas digitais.

Um dos principais achados desta investigação foi a constatação de uma dissociação fundamental entre dois níveis da proposta: por um lado, o roteiro literário-espacial, marcado por um esforço consistente de curadoria textual e associação simbólica entre locais urbanos e trechos da obra machadiana; por outro, a execução técnica dos conteúdos narrativos, especialmente os áudios sintetizados por inteligência artificial, cuja expressividade limitada compromete a densidade estética e afetiva da experiência.

A roteirização, em si, apresenta um mérito considerável: ao mapear lugares centrais da vida e da ficção de Machado de Assis, ela desenha uma cartografia urbana de

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

valor pedagógico e interpretativo, ativando a literatura como operador da memória espacial. No entanto, essa potência é em parte neutralizada pela mediação sonora artificial, que empobrece a escuta ao reduzir a complexidade rítmica e emotiva dos textos a uma voz neutra e sem modulação, incapaz de sustentar o gesto literário como experiência sensível. A tecnologia, nesse caso, mais do que expandir possibilidades, limita o alcance da fruição e revela os limites da automatização na mediação cultural.

Essa dissociação revela algo mais amplo: a tensão constante, nas práticas contemporâneas de patrimonialização mediada, entre a abertura interpretativa da obra e o controle curatorial da experiência. Ao propor uma mobilidade roteirizada, a Rota oferece não apenas um trajeto, mas uma forma dirigida de presença, escuta e subjetivação. O visitante é conduzido por uma arquitetura da atenção, na qual o corpo, o olhar e o ouvido se alinham a uma narrativa já editada, onde o Machado crítico, racializado e ambíguo é atenuado em nome da inteligibilidade turística.

Essa operação é emblemática de um movimento maior: a conversão da literatura em vetor de mobilidade simbólica, econômica e urbana. O texto deixa de ser lido para ser caminhado; a cidade deixa de ser habitada para ser performada; a memória deixa de ser evocada para ser organizada. A tecnologia que promete acesso e interatividade, nesse contexto, funciona também como dispositivo de filtragem, orientando o campo do visível e do audível. A patrimonialização, nesse arranjo, se torna uma forma de pacificação estética e política.

Ao tratar a Rota como um dispositivo de mobilidade narrativa, buscamos precisamente evidenciar essa engrenagem técnico-discursiva que estrutura os modos de circulação cultural no presente. Concluímos que pensar o turismo literário a partir das lentes da mobilidade e da crítica cultural implica reconhecer os mecanismos que regulam o desejo de caminhar com sentido. A Rota Machado de Assis não é apenas uma proposta de valorização cultural: é uma montagem narrativa institucionalmente autorizada, tecnologicamente mediada e esteticamente editada, que merece ser lida tanto por seu potencial de ativar a literatura no espaço público quanto por sua capacidade de domesticar o gesto crítico da obra que mobiliza.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?**. São Paulo: N-1 Edições, 2009.
- BOSI, A. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2002.
- BLOOM, H. **The Western Canon: the books and school of the ages**. New York: Harcourt Brace, 1994.
- BÜSCHER, M.; URRY, J. Mobile methods and the empirical. **European Journal of Social Theory**, v. 12, n. 1, p. 99–116, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/1368431008099642>.
- CRESSWELL, T. **On the move: mobility in the modern Western world**. New York: Routledge, 2006.
- _____. Towards a politics of mobility. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 28, n. 1, p. 17–31, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1068/d11407>.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DUARTE, E. A. **Machado de Assis afrodescendente: estudo de literatura brasileira em perspectiva étnico-racial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FRAGA, C.; ELICHER, M. J.; MORAES, C. M. S. Turismo e literatura: análises a partir das lentes das mobilidades. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 12, n. 4, p. 1–19, 2020.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**, v. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- GARNER, R. **Transforming travel: real and imagined mobilities in tourism and film**. Bristol: Channel View Publications, 2019.
- HANNAM, K.; SELLER, M.; URRY, J. Mobilities, immobilities and moorings. **Mobilities**, v. 1, n. 1, p. 1–22, 2006.
- HOPPEN, A.; BROWN, L.; FYALL, A. Literary tourism: opportunities and challenges for the marketing and branding of destinations? **Journal of Destination Marketing & Management**, v. 3, n. 1, p. 37–47, 2014.
- KAUFMANN, V. **Re-thinking mobility: contemporary sociology**. Aldershot: Ashgate, 2002.
- KAUFMANN, V.; BERGMAN, M. M.; JOYE, D. Motility: mobility as capital. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 28, n. 4, p. 745–756, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0309-1317.2004.00549.x>.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

KELLERMAN, A. **Daily spatial mobilities: physical and virtual**. Aldershot: Ashgate, 2012.

MERRIMAN, P. **Mobility, space and culture**. New York: Routledge, 2012.

NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. **Les lieux de mémoire**, v. 1, p. 23–43, 1984.

NUÑEZ, L. O. Concepções de cultura e memória no campo do patrimônio: práticas de tombamento no Espírito Santo. **Faces da História**, v. 3, n. 1, p. 235–252, 2016.

OLIVEIRA, A. C.; PARANHOS, J.; SOARES, M. Patrimônio: inclusões e exclusões. **Moci: Revista de História**, n. 1, p. 1–12, 2014.

REIJNDERS, S. Stories that move: fiction, imagination, tourism. **European Journal of Cultural Studies**, v. 19, n. 6, p. 672–689, 2016.

RICOEUR, P. **Temps et récit. Tome 1: l'intrigue et le récit historique**. Paris: Seuil, 1983.

SALAZAR, N. B. Mobility. In: NUGENT, D.; VINCENT, J. (eds.). **A companion to the anthropology of politics**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2020. p. 255–273.

SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Difel, 1990.

SHELLER, M. Mobility, freedom and public space. In: CRESSWELL, T.; MERRIMAN, P. (eds.). **Geographies of mobilities: practices, spaces, subjects**. Farnham: Ashgate, 2011. p. 38–52.

_____. **Mobility justice: the politics of movement in an age of extremes**. London: Verso Books, 2018.

SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A**, v. 38, n. 2, p. 207–226, 2006.

SOUZA, G. M. O campo do patrimônio cultural, redes e intersecções. **Ilha – Revista de Antropologia**, v. 20, n. 2, p. 107–132, 2018.

URRY, J. **Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century**. London: Routledge, 2000.

_____. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

WHITE, H. **Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

WATSON, N. J. The literary tourist: readers and places in Romantic and Victorian Britain. In: LONG, P. H.; WATSON, N. J. (eds.). **Literature and tourism: reading and writing tourism texts**. London: Thomson Learning, 2006. p. 17–29.

SOBRE OS AUTORES

João Freitas

Professor Adjunto do Departamento de Turismo e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pós-Doutorado Estratégico pelo Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) da Capes com o projeto *Memórias em movimento: novas tecnologias de informação e comunicação para consolidação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social*.
joaofreitas@unirio.br

Lucas Gamonal Barra de Almeida

Professor Adjunto do Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador de Comunicação da Pró-reitoria de Políticas e Assistência Estudantis (PR4) e do Núcleo de Estudos em Turismo, Comunicação e Afetos (Netca).